RICRI
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A Guerra Esquecida do Iêmen e a Violação dos Direitos das Crianças: o que diz a comunidade internacional?

Mônica de Lourdes Neves Santana * Jeferson Alves

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
*Autor correspondente. E-mail: monica@servidor.uepb.edu.br

Resumo

Nos últimos anos o Iêmen vem apresentando-se no contexto internacional como a nação de pior crise humanitária do mundo e simultaneamente palco de grandes tragédias sócio-políticas em seu cenário interno. Este trabalho preocupou-se em analisar examinar como o conflito que ocorre no país afeta diretamente os direitos de crianças e adolescentes. Ao estudar o assunto buscamos identificar quais e como são violados os direitos das crianças e por fim descrever o que diz a comunidade internacional mediante o cenário. A metodologia empregada se concentra em uma abordagem bibliográfica, dedutiva e descritiva, baseada em artigos, teses e relatórios especializados no assunto. Acredita-se que a importância de abordar tal tema se torna especialmente relevante haja vista a pouca quantidade de estudos publicados na academia e a pouca visibilidade pelos veículos de comunicação. Conclui-se que a guerra esquecida no Iêmen precisa ser observada também sob a ótica das crianças, visto que a grande maioria dos estudos publicados pela academia não dão tanta notoriedade ao assunto em questão. Além disso, é necessário que os Estados vizinhos do país iemenita e a comunidade internacional se atentem para a situação dramática vivenciada no país objetivando erradicar por completo os inúmeros casos de desrespeito aos direitos de crianças e adolescentes.

Palavras-chaves: Iêmen, Violação, Direitos, Crianças.

1. Introdução

Observa-se que na relação entre um ambiente de conflito armado e o papel desempenhado pelos direitos humanos na ordem internacional, busca-se preservar a dignidade humana protegendo a pessoa contra os arbítrios da soberania de um Estado.

No âmbito das relações internacionais esses direitos agem como parâmetro norteador para limitar as ações do Estado mantendo a ordem no Sistema Internacional. Piovesan (2017), argumenta que os direitos humanos compõem uma resistência, na medida em que traduzem processos que consolidam espaços de luta pela dignidade hu-

mana. O que ocorre é que os espaços de luta pela dignidade humana se transformaram em palco de guerras, em uma arena internacional causando conflitos.

Atente-se para a pior crise humanitária do mundo e ela ocorre no Iêmen segundo as Nações Unidas (ONU). O país vive uma série de infortúnios com um conflito de grande complexidade que já deixou pelo menos 233 mil mortos e continua a ser o país mais pobre do Médio Oriente e do mundo (Silva 2023). Vale ressaltar que a sua fundação é relativamente recente, tendo em vista sua história marcada por conflitos armados e guerras civis desde antes de sua unificação no ano de 1990 (Ellwanger 2020).

Sobre os traços fundamentais da dinâmica de (in)segurança mais de 10 mil crianças já morreram vítimas da guerra e segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (World Health Organization 2024), mais de 26 milhões de pessoas precisam de assistência humanitária no território. Desses, quase 13 milhões são crianças, além de 3.2 milhões serem deslocadas internas (Silva 2023).

Já na dimensão da educação, direito básico garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, não é uma realidade no Iêmen, visto que segundo Silva (2023), o atual cenário de caos político afeta também o sistema educacional, pois muitas crianças se veem à mercê de violências, abusos acessos escassos a diversos serviços sociais incluindo a educação e ao aprendizado. Isso afeta diretamente o desempenho cognitivo e o seu desenvolvimento enquanto indivíduos.

Além de epidemias, morte de civis e bombardeios catastróficos, a tensão no país começou a desenvolver-se durante o período das revoluções populares da Primavera Árabe, no ano de 2011 (Ellwanger 2020, 8).

Entretanto, um outro problema pode ser detectado e abarca uma série de violações humanitárias a ressaltar: a insegurança alimentar que já atinge cerca de 1.9 milhão de pessoas, com mais de 80% da população vivendo abaixo da linha da pobreza (BBC NEWS 2023). em nove anos de guerra, quase 500 mil crianças de até cinco anos sofrem por desnutrição aguda grave.

A fome sempre fez parte da vida dos iemenitas, mas foi agravada pelo conflito em 2015, a qual destruiu os meios de subsistência e elevou os preços (BBC NEWS 2023). A ruptura dos sistemas de proteção social e o colapso da ordem institucional abdicam das crianças vulneráveis à exploração e abusos.

Neste sentido, este trabalho busca, tendo-se em vista os acontecimentos acima mencionados, analisar e examinar as causas e como o conflito afeta diretamente os direitos de crianças e adolescentes. Ao estudar o assunto buscamos identificar quais e como são violados os direitos das crianças e por fim descrever o que diz a comunidade internacional mediante o cenário.

Baseado neste breve cenário de guerra, temos como pergunta norteadora de pesquisa: Como o conflito que ocorre no Iêmen afeta diretamente os direitos de crianças e adolescentes no país? Ancorando a nossa hipótese primeiramente na ideia de que no contexto de conflitos armados os que mais sofrem são os civis, e isso ocorre com frequentes ataques a instalações de saúde, destruição de escolas, vilas inteiras e muitas vezes, resultando na morte de crianças e adolescentes inocentes. Em segundo, nesses locais, onde a insegurança é uma constante, o recrutamento forçado de crianças e adolescentes por grupos armados infelizmente ainda é uma realidade, afetando assim seus direitos básicos que são: o direito à proteção contra a violência, à saúde, à

alimentação, à educação e à convivência comunitária.

Para testar a hipótese empregou-se como fonte as pesquisas da ONG *Save The Children*, bem como os relatórios e instrumentos de direitos humanos da Organização das Nações Unidas, artigos, teses e estudos que discorrem sobre o assunto em questão.

Com essa finalidade, a nossa metodologia respalda-se em uma revisão bibliográfica e documental fundamentada nas informações colhidas em publicações especializadas no assunto, além de ser uma pesquisa descritiva pois tem um enfoque em descrever e retratar a situação humanitária que o Iêmen enfrenta. Trata-se também de uma pesquisa qualitativa, considerando que estudaremos os fenômenos inerentes aos valores do ser humano em um determinado grupo social e finalmente explicativa pois busca-se elucidar quais são os fatores que obstaculizam a promoção dos direitos das crianças no país. O recorte temporal utilizado será para os anos entre 2020 a 2024 alicerçados em informações essenciais sobre o contexto histórico.

Em suma, a importância de abordar tal tema se torna especialmente relevante haja vista a pouca quantidade de estudos publicados na academia e a pouca visibilidade pelos veículos de comunicação. Para além destas importâncias, existe um empecilho estabelecido pelo conflito que é a restrição de acesso à imprensa. Uma impossibilidade de se trazer jornalistas devido à falta de infraestrutura e acesso ao país (Repórteres sem Fronteiras 2020).

Como afirma Gomes (2022), apesar de discussões acerca do Oriente Médio serem frequentemente motivo de debate e discussão nos meios acadêmicos e midiáticos, o Iêmen quase nunca é destaque. Outro aspecto a ser realçado é a prática do abuso contra a humanidade. Logo, existe a necessidade de entender como o maior e mais conhecido organismo internacional lida diante destes fatos.

Por fim, por meio desta análise atenta, mas sem esgotar o tema, buscaremos oferecer *insights* para informar sobre uma realidade complexa, pouco discutida na área de direitos humanos, mas muito atual e pertinente para o sistema e as relações internacionais.

2. Buscando as raízes do conflito

Para a construção do presente trabalho de pesquisa, iniciaremos este capítulo tratando da formação e colonização do Iêmen. Como veremos adiante, o que conhecemos hoje sobre o país é o resultado da junção do que antes correspondia ao Iêmen do Norte e Iêmen do Sul. Os conflitos sempre estiveram presentes no território, antes mesmo da sua unificação, bem como a Primavera Árabe de 2015 até a eclosão da atual guerra civil.

2.1 Formação histórica do Iêmen

O Iêmen é um país da Península Arábica, cuja parte sul é banhada pelo Golfo de Áden e o Mar Arábico, o norte faz fronteira com a Arábia Saudita, o leste com Omã, além do lado oeste, que é banhado pelo Mar Vermelho (Gomes 2022). A formação do país é relativamente recente, visto que até o ano de 1990 o território era dividido entre Iêmen do Norte, chamado de República Árabe do Iêmen, e Iêmen do Sul, denominado de República Democrática Popular do Iêmen (Silva 2023).

Tendo como capital a cidade de Sanaa até o ano de 1872, o território do Iêmen do Norte foi controlado pelo império Otomano. Com o fim da Primeira Guerra Mundial esse império perde força e como resultado a região passa a ser controlada por um um regime zaidita, tendo como último líder, Muhammad Al-Badr, deposto do cargo no ano de 1962 após um golpe de estado, o que resulta na criação da República Árabe do Iêmen, com Abdullah al-Sallal como primeiro presidente (Ellwanger 2020).

Nesse mesmo ano ocorre uma guerra civil provocada por um lado, pelos republicanos, apoiados pelo Egito, que percebem movimentações do então ex-líder Al-Badr, que não contente com o fim do antigo regime, buscava apoio de aliados zaiditas, os monárquicos (Gomes 2022). A guerra perdurou por oito anos, com o seu fim no ano de 1970, entretanto, o período que se seguiu foi marcado por incertezas e instabilidade políticas, a situação de fato muda com a ascensão de Ali Abdullah Saleh ao poder, em 1978 (Ellwanger 2020).

No que tange ao antigo Iêmen do Sul, que tinha como capital Áden, o interesse Britânico surge a partir de 1839. Seu território era dividido entre a Colônia de Áden, o Protetorado de Áden Ocidental e o Protetorado de Áden Oriental. Vale ressaltar que os protetorados não eram administrados exclusivamente pelos britânicos, mas por meio de chefes tribais e tratados que eram incorporados às leis locais (Gomes 2022). Seus líderes tribais possuíam um certo tipo de independência, contudo, em fevereiro de 1959 ocorreu um processo de transição para o sistema federalista, pois temiam que ideais nacionalistas, proclamados pelos defensores do zaidismo, se difundissem no território. Fundou-se assim, a Federação dos Emirados Árabes do Sul, que com o decorrer do tempo, foi perdendo forças (Gomes 2022).

Nesse sentido, após quatro anos de guerra civil entre os colonizadores e os grupos nacionalistas, a Frente de Libertação Nacional (FLN), apoiada pelo Egito e que tinha como objetivo alcançar a autonomia do território, fundou em 1970 a República Popular do Iêmen do Sul, seus líderes defendiam um viés socialista. Por escassez de recursos nesse território, seus líderes se inclinam em direção à União Soviética objetivando assistência financeira (Ellwanger 2020; Bentes et al. 2021).

Vale ressaltar que no governo existia a ala mais moderada, os nacionalistas e uma ala mais radical, que eram os socialistas liderados por Salim Rubayi Ali. Essa rivalidade entre as alas fez com que em 1970 os mais radicais do governo assumissem o controle do congresso da Frente de Libertação Nacional, depondo seu presidente (Gomes 2022).

Com isso, Rubayi Ali assume o governo, mudando o nome do território para República Democrática Popular do Iêmen, mas no ano de 1978 foi assassinado, sendo substituído por Abdul Fattah Ismail. Após divergências no governo e pressão populacional, Smail renuncia em 1980, asilando-se na Rússia e o governo é assumido por Ali Nasir Muhammad, que buscou aproximação com Iêmen do Norte e Arábia Saudita (Ellwanger 2020; Gomes 2022).

Mas em 1986, quando o ex-presidente Abdul Fattah Ismail volta de Moscou, é desencadeado um conflito entre seus aliados e os seguidores do atual presidente do período, Ali Nasir Muhammad. O mesmo resultou em um conflito armado no Áden, no qual ocorre a morte de Smail e a fuga de Nasir para o Iêmen do Norte e a instituição de Ali Abdullah Saleh, líder do Iêmen do Norte, também como presidente do território (Ellwanger 2020; Gomes 2022).

A unificação dos territórios se dá, portanto, em maio de 1990, com a proclamação de uma nova constituição que nomeava o local como República do Iêmen. Contudo, a atuação do Estado recém-criado na Guerra do Golfo Pérsico (1990-1991), desencadeou uma crise econômica e política. Em meio a tantas tensões, em 1994 ocorre a primeira guerra entre parte Sul e Norte da república (Machry 2016; Bentes et al. 2021).

Diante do cenário de incerteza, o presidente da República Democrática do Iêmen, Ali Abdullah Saleh decide integrar alguns representantes do lado sul do Iêmen, objetivando demonstrar que o povo do sul também tinha o seu apoio, mas no ano de 1995, após vencer as eleições com um mandato para mais cinco anos, Saleh cria uma emenda constitucional, conferindo-lhe autonomia para sancionar decretos por vontade própria (Machry 2016; Bentes et al. 2021).

Nos anos seguintes, Saleh permanece articulando estratégias para permanecer no poder, enquanto a economia permanecia em crise desde a unificação do território, a população, tanto da parte do norte como do sul, manifestava seu descontentamento frente aos índices de corrupção e a falta de apoio estrangeiro, mas todo e qualquer tipo de manifestação era contido por meio da violência pelas forças iemenitas comandadas por Saleh (Machry 2016).

2.2 Dimensões do conflito

Mesmo antes de ser instituído como país, o Iêmen sempre enfrentou instabilidades políticas e sociais, quer fossem por meio de conflitos como também por guerras. O fato de o Iêmen ser palco de instabilidades o coloca em uma posição desfavorável no relacionamento com seus vizinhos. Segundo Lopes e Silva (2024), os direitos humanos das crianças, em específico, são frequentemente violados em situações de conflitos armados, essa violações ocorrem principalmente com recrutamento de criança-soldado, violência sexual, sequestro, trabalho forçado, além da coibição de direitos básicos como à saúde e à educação.

Entretanto, cabe salientar que o atual cenário é resultante de uma série de protestos por parte da população de diversos países árabes que buscavam a ampliação de seus direitos civis e políticos em regimes autocráticos consolidados, no que conhecemos como Primavera Árabe (Fernandes et al. 2020).

Em 2011 o mundo presenciou uma série de revoltas populares nos países árabes que abalaria as estruturas econômicas, políticas e sociais do norte da África e do Oriente Médio, iniciada primeiramente na Tunísia com um jovem incendiando o próprio corpo como forma de protesto (Oliveira 2022), e em pouco tempo se alastrando por diversos países árabes, é importante destacar que cada país possuía as suas particularidades e demandas territoriais, mas a insatisfação popular era provocada em geral pelo descontentamento na constante violação dos direitos humanos, desigualdades sociais e desemprego (Gomes 2022).

No Iêmen não foi diferente, segundo Sena et al. (2021), o fracasso em estabelecer uma transição política que mudasse o cenário de instabilidades no país, é tido como um dos motivos para a atual guerra civil no território e os que mais são afetados são as crianças. Segundo a ONG *Save The Children*, desde o ano de 2015, período em que o conflito é acentuado, mais de 11.000 crianças já perderam suas vidas ou foram de alguma forma mutiladas.

Em 15 de Janeiro de 2011, milhares de estudantes jovens tomaram as ruas de Taiz e Sanaa reivindicando mais direitos, uma democracia propriamente dita e a destituição do atual presidente do período, Ali Abdullah Saleh, tal ação dos manifestantes gerou uma reação nos apoiadores do governo resultando num processo de repressão das manifestações ocorridas na região, com pelo menos 200 mortes (Gomes 2022; Limão 2019).

Entretanto, o ápice dessas repressões acontece em 18 de março de 2011, quando ocorre um tiroteio realizado contra os protestantes em Sanaa, esse episódio fica marcado como "sexta-feira sangrenta", a população acreditava fortemente que o episódio fora motivado pelo governo de Saleh (Machry 2016).

A resposta internacional, portanto, foi a condenação do ato por parte dos Estados Unidos e da Arábia Saudita, o que pressionou ainda mais a transição do governo, o Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) foi o responsável pela mediação, criando assim uma proposta de transição do poder para o seu vice-presidente, Abdu Rabbu Mansour Hadi (Machry 2016).

Essa proposta só foi assinada em Setembro de 2011, após muita resistência por parte de Saleh e pressão por parte dos Estados Unidos e da Arábia Saudita (Oliveira 2022). Neste período, Saleh se recupera após ficar gravemente ferido em um bombardeio no complexo presidencial na capital Sanaa, que matou também onze pessoas, ele volta da Arábia Saudita para o Iêmen (Limão 2019).

Em 2012, nas eleições presidenciais, Hadi foi o único candidato e consequentemente saiu vitorioso, entretanto, apoiadores de Saleh e o movimento militar Houthis resistiram ao governo. Apesar de ter combatido contra os Houthis por seis anos, o ex-presidente Saleh juntou-se ao grupo objetivando derrubar o governo de Hadi (Limão 2019; Pequeno 2023), os Houthis são um grupo armado criado no norte do Iêmen, composto por uma minoria xiita zaidi (Sena et al. 2021).

O estopim dos acontecimentos ocorreu em fevereiro de 2015, quando os Houthis tomaram o palácio presidencial fazendo com que o presidente e o primeiro ministro renunciassem ao governo e um mês depois o grupo armado dissolve o parlamento, anunciando assim um governo interino (Gomes 2022).

Vale ressaltar que com a turbulência provocada em Sanaa, Hadi foge para a região de Aden, lá ele solicita apoio da Arábia Saudita na intenção de conter o avanço dos Houthis e no dia 25 de março de 2015 ocorre um conflito armado liderado de um lado, por uma coalizão de países árabes sob o comando da Arábia Saudita e que também era apoiada pelos Estados Unidos e do Outro as forças Houthis, a atuação dos Estados Unidos, entretanto, tinha como objetivo maior atingir a Al-Qaeda na Península Arábica (Gomes 2022).

Ainda em 2015, como destaca Pereira (2020), os Houthis fazem um ataque à capital da Arábia Saudita, Riade, com o apoio do Conselho de Segurança das Nações Unidas, esta, responde com bloqueios terrestres, marítimos e aéreos ao Iêmen, o que acentuou ainda mais a crise humanitária vivida no país. Diante disso, a ajuda humanitária destinada pelas Nações Unidas ao Iêmen não era enviada e após duras críticas internacionais quanto ao evento, a Arábia Saudita decidiu suspender os bloqueios em 2017.

Nesse cenário de incertezas, os eventos históricos e recentes que afetam as estruturas sociais no país, sugerem que os mais atingidos pelas adversidades são as crianças, que

vivem à par dos seus direitos e durante décadas são forçadas a se deslocarem de suas casas, vítimas de violências sejam elas de cunho físico ou sexual, o que por sua vez deixa marcas permanentes nas suas vidas, abalando assim sua saúde mental e física além de suas perspectivas de futuro (Lopes e Silva 2024).

Como exposto, essa fragmentação do território iemenita não é recente visto o seu triste legado de conflitos e guerras entre os diferentes governos e grupos armados. Tais episódios resultam em uma série de adversidades como a privação das liberdades individuais das crianças, o que veremos posteriormente na próxima seção.

3. O impacto da guerra esquecida

Justifica-se a expressão "guerra esquecida" pelo fato de as notícias sobre o Iêmen muitas vezes não serem veiculadas e a escassa atenção recebida pelo restante do mundo (BBC News Brasil 2018). Essa situação ocorre, de acordo com Oliveira (2022), pelo fato de o país não ser um grande produtor de petróleo como seus vizinhos atores externos: Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos, além de ser um local periférico e não produtor de riqueza natural.

Existe para além disso, o fato de os trabalhos acadêmicos abordarem de forma limitada a história e o percurso dos fatos, retroalimentando assim uma carência qualitativa no que tange a difusão das informações e fatos que ocorrem no país (Oliveira 2022).

Para entendermos a magnitude do impacto, devemos primeiro conhecer esses atores envolvidos: A princípio, temos o Estado Iemenita que como aborda Pequeno (2023), é cenário de diversas instabilidades políticas o que contribui para a pobreza e a falta de desenvolvimento no país, além de ser palco para diversas tragédias que afetam diretamente as crianças e os seus direitos. Essa situação de apagamento sobre a situação pode caracterizar riscos e possibilidade de maiores atrocidades contra as crianças sem que haja a devida comunicação e assim, o espaço para a violência se expande sem ser incomodado. Os espaços de luta por dias melhores tem como palco as guerras, e o Estado, aquele que detém o uso legítimo da força age como protagonista ao usar aparatos militares tendo em vista a ideia do estrategista militar Carl Von Clausewitz (1832) de que a guerra expressa a continuação da política, mas de outras formas.

Atuando mais ativamente no norte do Iêmen desde a sua unificação em 1990, o grupo armado Houthis, ou Partidários de Deus, são uma minoria xiita, vale mencionar que o lado norte do Iêmen é um território historicamente marginalizado e com o crescimento das manifestações que ocorreram no país, o grupo busca o controle total do território iemenita. Seu slogan é "Deus é Grande, Morte à América, Morte a Israel, Maldição aos Judeus, Vitória ao Islã", sinalizando assim a oposição à América, mais precisamente aos Estados Unidos (Pequeno 2023).

Os acontecimentos recentes na região mostram que em 2022, as Nações Unidas negociaram um cessar fogo entre o grupo Houthis e o governo iemenita além de alguns pequenos grupos existentes. Como aborda Riedel (2023), uma proposta fez com que o porto de Hudaydah fosse aberto para levar combustível e alimentos para a região norte do território. Esta trégua foi estendida duas vezes e expirada ainda em 2022, entretanto, ambos os lados ainda estão a aderindo atualmente.

Mas é interessante salientar que uma resolução clara e duradoura ainda não foi posta, isso deixa o futuro da guerra ainda mais incerto para os habitantes do país,

uma vez que sua infraestrutura ainda continua em ruínas e dois terços da população permanece sem conseguir suprir suas necessidades básicas, as necessidades humanitárias continuam a crescer (CICV 2024).

Somado a tantas instabilidades políticas e econômicas, o Iêmen ainda é palco de uma outra crise muito recorrente, a dos deslocados internos, migrantes, e refugiados que possuem como principal destino o país, principalmente os etíopes que percorrem o Nordeste da África até a costa Sul do território iemenita (Albertini e Silva 2020).

Segundo dados da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), até junho de 2024, existiam mais de 4 milhões de deslocados internos no país, e mais de 60 mil refugiados, a maioria deles oriundos da Somália (38.971) e da Etiópia (15.210) (World Health Organization 2024). Há ainda relatos de que migrantes, incluindo crianças, são mantidos em cativeiro por contrabandistas e muitas vezes submetidos à violência física e sexual, além de só serem liberados mediante pagamento de "resgate" (Gomes 2022).

A Matriz de Rastreamento de Deslocamento (DTM, sua sigla em inglês), da Organização Internacional para as Migrações, identificou mais de 10.300 migrantes oriundos de outros países chegando ao Iêmen no primeiro semestre de 2024 e somente em agosto de 2024, 1.631 migrantes entraram no país, 16% eram crianças e 24% eram mulheres (Displacement Tracking Matrix 2024).

Mediante esse cenário, os impactos na vida das crianças são exorbitantes. Segundo Abramowicz e Gouvêa (2022), quando se há a discussão sobre guerras, as crianças são colocadas à parte e nunca aparecem como protagonistas. Entretanto, é importante levar em consideração que em períodos de guerras, os efeitos sobre essas crianças são deveras significativos, segundo elas:

> O mundo adultocêntrico em que vivemos tem na guerra a sua expressão crua e brutal da relação costumeira que o mundo ocidental estabelece com as crianças. A história das crianças é a história do horror, da morte, da pobreza, da miséria, do trabalho infantil, do infanticídio, pois elas estão totalmente à mercê do mundo dos adultos, um mundo adultocêntrico; e, por vezes, aqueles e aquelas que as protegem - seus pais, os adultos, o Estado - também as destroem (Abramowicz e Gouvêa 2022, 14).

Uma série de atentados ao direitos das crianças podem ser evidenciados na guerra esquecida do Iêmen, tais como o recrutamento, o rapto, a violência sexual, ataques a instalações de saúde e escolas, a negação à assistência humanitária, a mutilação e até mesmo a morte de muitas delas (OSRSG-CAAC 2022).

Contudo, há uma carência considerável em saber exatamente qual o número total de crianças que são vítimas de tais mazelas, um exemplo a ser mostrado é que segundo o Escritório da Representante Especial do Secretário-Geral para Crianças e Conflitos Armados (OSRSG-CAAC, na sigla em inglês), até o ano de 2022, 857 crianças foram vítimas de algum tipo de mutilação ou mortas no Iêmen, em contrapartida, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, na sigla em inglês), mais de 11 mil crianças foram mortas ou mutiladas desde o início do conflito no Iêmen, o que mostra uma carência de números exatos e dificulta assim, o entendimento sobre as dimensões desse conflito (OSRSG-CAAC 2022; Vatican News 2022).

Segundo a Declaração dos Direitos da Criança, de 1959, os mais jovens necessitam de proteção e cuidados especiais pois não possuem maturidade física e intelectual,

entretanto, ocorre o contrário no Iêmen, visto que no atual cenário, os mais jovens são submetidos a perigos físicos e psicológicos, o que afeta o bem-estar e o desenvolvimento deles (Lopes e Silva 2024).

O deslocamento interno é recorrente no país, e em 2023 fez com que 2,3 milhões de menores ainda vivessem em acampamentos, não tendo acesso adequado a serviços básicos de higiene e saúde. Apesar do conflito ter cessado, os impactos na vida dessas crianças não desapareceram (ONU News 2024).

Outro fator impactante que deve ser levado em consideração é o da educação de crianças no país, visto que com o prolongamento da guerra, o principal foco dos responsáveis por elas é a segurança de suas vidas.

Conforme destaca Silva (2023), essas crianças são expostas a diversos tipos de abusos, exploração, falta de amparo por parte estatal e vivem constantemente sob o risco de serem recrutadas de alguma forma como crianças soldados, o que resulta em um abandono da escola afetando, consequentemente, o seu desempenho enquanto indivíduos e o seu bem-estar físico e emocional.

Segundo reportagem da CNN Portugal (2024), 4,5 milhões de crianças não vão à escola no país, somando 39% da população em idade escolar fora dos muros da escola e segundo a ONG Save the Children (2024), as que mais têm vulnerabilidade à evasão escolar são as crianças deslocadas, correspondendo a 58% dos casos. Além disso, os custos com materiais didáticos, transporte escolar e as mensalidades são altos, o que torna ainda mais inacessível o que já era difícil.

Outro entrave considerável que contribui para essa evasão de 14% das crianças em idade escolar é a violência no percurso para a escola. No ano de 2023 a violência nos arredores das escolas e dentro delas continuou a crescer, com diversos ataques de drones, tiroteios próximos à escolas em Taiz, bombardeios no sul de Hodeidah e um evento recente no distrito de Qa'atabah com a morte de uma criança e outras oito crianças feridas (Save the Children 2024).

Em contraste a esses eventos, segundo dados de um relatório produzido pela ONG Save the Children (2024), no ano de 2017 o Iêmen se comprometeu a participar ativamente da Declaração de Escolas Seguras, uma iniciativa intergovernamental que visa proteger as escolas, universidades e os cidadãos locais durante períodos de conflitos armados, mas na prática isso não é assegurado, visto os inúmeros casos de violências contra as crianças.

As aulas deveriam ser gratuitas, mas não é o que ocorre, visto que principalmente na parte norte do território os pais são obrigados a pagarem taxas anuais e mensais para que os funcionários das escolas possam executar suas funções, isso ocorre devido ao fato de alguns deles não receberem remuneração desde o início do conflito (Save the Children 2024).

O trabalho infantil também teve uma grande contribuição para o impacto alarmante nas taxas de evasão escolar, ele corresponde a mais de 44% dos casos pois não há como conciliar a renda com os estudos e muitas das famílias dessas crianças optam por mandá-las a procura de um emprego. Por ser um país majoritariamente agrícola, quase 20% das crianças iemenitas exercem profissão nesse tipo de atividade e conseguem conciliar trabalho e estudo, entretanto, isso afeta significativamente não só o seu desempenho escolar, como também o seu desempenho físico (Save the Children

2024).

As meninas e mulheres iemenitas também são afetadas de forma particular na guerra esquecida. Segundo a Atualização Humanitária do Iêmen, realizada pelo Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários no Iêmen (OCHA, sua sigla em inglês), 30% das meninas se casam antes mesmo de completar 18 anos, o que resulta em gravidez precoce e esse também é um dos fatores que leva ao abandono escolar, além do mais, a gravidez precoce é uma das principais causas de mortalidade para meninas entre 15 e 19 anos com altas taxas de riscos (United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs 2024).

4. Violação do Direito Internacional Humanitário da criança

Respondendo à nossa pergunta de pesquisa sobre como o conflito no território iemenita afeta os direitos das crianças, podemos nos deparar com a Convenção Sobre os Direitos das Crianças (CDC) de 1989, ratificada por 196 países incluindo o Iêmen, em seu artigo 24, é assegurado o direito das crianças ao sistema de saúde destinado ao seu tratamento e recuperação (CDC, 1989), mas o que se vê no país é totalmente o oposto.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), as crianças são vulneráveis a doenças evitáveis como poliomielite, sarampo, coqueluche e difteria, além disso, mais de 2 milhões de crianças sofrem com atraso no crescimento e a fome no país resulta na desnutrição aguda grave em cerca de 80% da população (ONU News 2024).

Além do mais, a taxa de crianças que não se vacinaram com nenhuma dose de vacinas aumentou e chegou a 28% em 2024. Vale ressaltar que apenas 55% das unidades de saúde estão funcionando no país e há uma escassez de suprimentos como medicamentos, equipamentos, água, entre outros (World Health Organization 2024).

Como mostrado anteriormente, a fome no Iêmen também é uma constante e o país apresenta uma das maiores taxas de desnutrição do mundo, abrangendo atualmente 17 milhões de iemenitas em situação de insegurança alimentar, desses, 600.000 são crianças que sofrem atualmente de desnutrição aguda ou emagrecimento, o que corresponde a 34% do total de crianças de até cinco anos no território e 120.000 delas estão gravemente desnutridas (World Food Programme 2024).

Segundo a Organização da ONU para Alimentação e Agricultura (FAO, sua sigla em inglês), a insegurança alimentar no Iêmen pode ser explicada pela escalada da crise na região, o que aumenta os custos de transporte e o atraso na entrega de alimentos e o Iêmen é um país totalmente dependente desse tipo de apoio (ONU News 2024).

Esses fatores podem ser somados também aos casos de recrutamento de crianças para participação direta ou indireta no conflito, como supracitado, as chamadas crianças-soldados foram nomeadas assim na conferência de Paris sobre o envolvimento em conflitos, organizada também pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em 2007 (Pereira 2020).

Segundo Paiva (2011) e Pereira (2020), as crianças-soldados são um forte instrumento nas guerras pois possuem menor consciência frente ao perigo, são inocentes e não reconhecem as dimensões que um conflito pode causá-las, obedecendo às ordens sem questionar. Ademais existe uma grande quantidade de crianças e os custos são baixos, visto que muitas delas não são remuneradas, dentre outros fatores.

A participação desses inocentes são as mais diversificadas possíveis, algumas são

alistadas, outras são forçadas a participar de grupos armados, mas isso não se limita apenas ao recrutamento na linha de frente dos conflitos, muitas delas são usadas como cozinheiras, mensageiras, escravas sexuais, o que torna o termo crianças-soldados ainda mais genérico (Paiva 2011).

Conforme destaca Pereira (2020), a questão das crianças-soldados é de responsabilidade internacional pois há inúmeros casos de crianças usadas em conflitos armados em incontáveis situações, além disso, as que vivem em zonas mais marginalizadas são as mais vulneráveis a essa situação.

5. O que diz a Comunidade Internacional

O engajamento da sociedade internacional tem capacidade de tornar possível uma rede de proteção para crianças e adolescentes contra as mazelas sociais, principalmente contra a guerra, entretanto, como destaca Pequeno (2023), a presença de atores externos, bem como suas estratégias de defesa aumentam o risco da guerra se tornar regional o que por sua vez agrava a situação humanitária das crianças no país.

Além das disputas locais, o Iêmen ainda é palco de disputas regionais, tendo como principais atores atuantes no conflito o Irã, que fornece armamento ao grupo Houthi e a coalizão formada e liderada pela Arábia Saudita, que recebe o apoio dos Estados Unidos, da França e do Reino Unido, apesar deles não se envolverem diretamente (Oliveira 2022; Silva 2023).

Ambos os países são peças importantes para o avanço do conflito justamente pela sua alta influência internacional, além do mais, grandes potências ocidentais possuem interesse neles (Ellwanger 2020).

É importante mencionar que no ano de 2018 o acordo de Estocolmo, mediado pela Organização das Nações Unidas (ONU) com representantes dos Houthis e o atual governo de Hadi negociou um cessar-fogo no território de Hodeidah, para a criação de corredores de ajuda humanitária aos iemenitas (Ellwanger 2020).

Todavia, em 2019 foi constatado que houve obstrução nesse acordo, uma vez que integrantes do governo Hadi solicitaram evacuação total dos Houthis do território de Hodeidah, o que não aconteceu e uma série de ataques por parte da coalizão ao porto foram realizados, esse contratempo, portanto, resultou em uma inoperação por parte da ONU, que antes poderia ser vista como uma possível mediadora de todo o conflito (Ellwanger 2020).

Segundo a Organização *Save the Children* (2024), um dos papéis da comunidade internacional deveria ser expandir e sustentar o apoio ao Iêmen, esse é um passo crucial para a garantia do acesso à educação, à saúde e aos demais direitos básicos das crianças no país, além disso, é primordial também o apoio e financiamento de programas independentes já existentes no país que garantam a proteção a essas crianças.

No dia 11 de janeiro deste ano o Reino Unido e os Estados unidos bombardearam o Iêmen contra os rebeldes Houthis como uma reação às ações dos rebeldes no Mar Vermelho trazendo reações internacionais como o Irã em que foi acusado de financiar os rebeldes e a Rússia criticou a violação do direito internacional (A Referência 2024).

A Holanda disse apoiar o aliados- norte- americanos e britânicos dando como justificativa a autodefesa e proteção da passagem livre para navios. Já a Dinamarca ofereceu apoio aos Estados Unidos e Reino Unido como defesa necessária. O ministro

britânico Rishi Sunak considerou os ataques como a possibilidade de restauração e estabilidade. Por outro lado, o parlamentar britânico Jeremy Corbyn, disse criticar a ação por ser um tanto imprudente sendo o estopim para mais mortes (A Referência 2024).

6. Considerações finais

Este trabalho buscou, por meio de uma pesquisa atenta da literatura acerca do conflito iemenita, entender como os direitos de crianças e adolescentes são diretamente afetados. É sabido que em guerras e conflitos os civis são diretamente afetados e no caso em questão não é diferente, uma série de mazelas têm tocado as crianças no Iêmen.

No primeiro capítulo vimos que a história do Iêmen sempre foi marcada por disputas quer fossem elas territoriais ou de poder, a formação do país é recente, mas o seu histórico de opressão e dificuldades não é. A ascensão de grupos rebeldes como os Houthis e outros que surgiram, somada à insatisfação popular no país são fatores que aumentam a rivalidade entre o governo local e a população, resultando em impactos negativos na vida das crianças. Além disso, é constatado que a intensificação da crise humanitária se deu logo após protestos na primavera árabe em 2011.

Posteriormente, buscamos responder a pergunta do porque chamamos o conflito iemenita de guerra esquecida e isso se dá principalmente pela pouquíssima visibilidade que se tem sobre a situação humanitária de crianças e adolescentes no país, abordamos também os principais atores envolvidos e seus interesses pessoais no conflito. Vale mencionar que a situação humanitária das crianças é degradante, uma vez que ocorrem casos de deslocamento interno, recrutamento forçado, ataques a escolas e instituições de saúde, trabalho infantil e outras mazelas que afetam diretamente o desempenho físico e cognitivo delas, além disso, o recrutamento de crianças para atuarem no conflito é uma constante, muitas delas não têm noção da dimensão de um conflito armado.

No capítulo três, focados em mostrar a realidade vivida pelas crianças no Iêmen, traçamos um paralelo entre o que diz o Direito Humanitário Internacional e o que de fato é presenciado diariamente por elas, trouxemos dados da Organização Mundial da Saúde, da Organização da ONU para Alimentação e Agricultura, do Programa Mundial de Alimentos, dentre outros para elucidar questões humanitárias e de usurpação de direitos básicos como a saúde e a alimentação.

Os dados levantados para a pesquisa foram consideravelmente escassos, visto a pouca quantidade de material disponível, alguns poucos relatórios encontrados estavam exclusivamente em árabe ou em inglês, apesar de o Iêmen estar localizado em uma região estratégica no Oriente Médio, ele não possui tanta influência como alguns dos seus vizinhos.

Nesse contexto, no último capítulo analisou-se o papel da comunidade internacional, uma vez que potências do norte global têm participado, ainda que indiretamente do conflito. Organizações não governamentais, instituições e Estados têm o dever de atuarem ativamente para a defesa de crianças e adolescentes no país, caso contrário, o futuro da guerra esquecida do Iêmen continuará incerto e milhares dessas crianças continuarão a sofrer os mais diversos tipos de mazelas e opressões.

Recebido em: 27/10/2024.
Aprovado em: 18/12.2024.

Referências

A Referência. 2024. *Comunidade internacional reage a ataques de Reino Unido e EUA contra os Houthis no Iêmen.* Acesso em: 10 out. 2024. https://areferencia.com/americas/comunidade-internacional-reage-aos-ataques-de-eua-e-reino-unido-contra-os-houthis-no-iemen/.

Abramowicz, Anete e Maria Cristina Soares de Gouvêa. 2022. Crianças e guerras, crianças nas guerras. Acesso em: 10 out. 2024, *Jornal da Ciência,* número 799, 14–15. http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/wp-content/uploads/2022/08/JC_799.pdf.

Albertini, Maria de Lourdes Monteiro e Bárbara Thaís Pinheiro Silva. 2020. IÊMEN: A PIOR CRISE HUMANITÁRIA DO MUNDO. Acesso em: 10 set. 2024, *VirtuaJus* 5 (8): 146–174. https://periodicos.pucminas.br/index.php/virtuajus/article/view/24153/16979.

BBC NEWS. 2023. A guerra 'esquecida' que deixa milhares de crianças feridas e passando fome. Acesso em: 03 set. 2024. https://www.bbc.com/portuguese/articles/c3gz5q58vgwo.

BBC News Brasil. 2018. Por que há uma guerra no Iêmen e qual é o papel das potências internacionais. Acesso em: 16 set. 2024. https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46322964.

Bentes, Natália Mascarenhas, Rafaela Sena Daibes Resque, Sandro Júnior do Carmo Alves e Ana Carolina Lial Viana. 2021. *Iêmen: da primavera ao caos humanitário: volume 1.* 17–147. Acesso em: 03 set. 2024. Porto Alegre: Editora Fi. https://www.editorafi.org/335iemen.

CICV. 2024. *Relatório anual 2023 do CICV.* Acesso em: 14 set. 2024. https://www.icr.org/pt/reportagem/relatorio-anual-2023-do-cicv.

CNN Portugal. 2024. O impacto da crise educacional nas crianças do Iémen e no seu futuro é profundo. Acesso em: 20 set. 2024. https://cnnportugal.iol.pt/iemen/crise-educacional/o-impacto-da-crise-educacional-nas-criancas-do-iemen-e-no-seu-futuro-e-profundo-cerca-de-4-5-milhoes-de-criancas-nao-vao-a-escola/20240325/6601409dd34e87e0c08b1b12.

Displacement Tracking Matrix. 2024. *Yemen - Flow Monitoring Registry | Non-Yemeni Migrant Arrivals and Yemeni Migrant Returnees in August 2024.* https://dtm.iom.int/reports/yemen-flow-monitoring-registry-non-yemeni-migrant-arrivals-and-yemeni-migrant-returnees-15?close=true. Acesso em: 10 set. 2024.

Ellwanger, Aléxia da Silva. 2020. *Uma análise sobre a guerra civil no Iêmen.* Acesso em: 10 set. 2024. http://hdl.handle.net/11624/2827.

Fernandes et al. 2020. Democracia após a primavera árabe? Os casos da Tunísia, Egito, Iêmen e Líbia. *Brazilian Journal of International Relations* 9 (3).

Gomes, Gabriela Merotto. 2022. *A guerra civil no Iêmen e as violações do Direito Humanitário Internacional.* Acesso em: 21 ago. 2024. https://dspace.unila.edu.br/items/4184bc8c-cfce-4976-9eaf-9e08bdf88677.

Limão, José Pedro Coelho Monteiro. 2019. *O Significado do Iémen no Grande Médio Oriente.* Acesso em: 10 set. 2024. Porto: Universidade Católica Portuguesa. http://hdl.handle.net/10400.14/2813.

Lopes, Isadora Cerqueira e Odi Alexander Rocha da Silva. 2024. Infância Roubada: Violações contra crianças em conflitos armados e a busca por proteção e justiça. Acesso em: 10 set. 2024, *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação REASE* 10 (05): 2433–2451. https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13944/6948.

Machry, Patrícia Graeff. 2016. *Afeganistão e Iêmen: condicionantes e características da crise dos Estados.* Acesso em: 10 set. 2024. https://lume.ufrgs.br/handle/10183/166119.

Oliveira, Verônica D'Angelo de. 2022. *Da Primavera Árabe à Tempestade Decisiva: os processos que levaram ao conflito no Iêmen (2011-2015).* https://repositorio.unesp.br/items/13c8a179-750e-4de5-9df4-65aebd7dffa6. São Paulo. Acesso em: 10 set. 2024.

ONU News. 2024. *Conflito no Iêmen entra no 10º ano com metade da população precisando de ajuda.* Acesso em: 10 set. 2024. https://news.un.org/pt/story/2024/03/1829601#:~:text=A%20OMS%20lembra%20que%20o,de%20novos%20deslocamentos%20no%20I%C3%AAmen.

OSRSG-CAAC, Office of the Special Representative of the Secretary-General for Children and Armed Conflict. 2022. *Children, Not Soldiers.* https://childrenandarmedconflict.un.org/children-not-soldiers/. Acesso em: 10 set. 2024.

Paiva, Giovanna Ayres Arantes de. 2011. A atuação da ONU frente ao emprego de crianças-soldados: como lidar com os impactos das novas guerras? Acesso em: 15 set. 2024, *Fronteira: Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais* 10 (19): 59–79. https://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/8657.

Pequeno, Brenna Taíze de Lima. 2023. *A guerra do Iêmen: abordagem estratégica e repercussões na geopolítica do Oriente Médio.* http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/29975. João Pessoa. Acesso em: 10 set. 2024.

Pereira, Maria Luisa Gomes Ribeiro. 2020. A Problemática das Crianças-soldado no Iémen. Acesso em: 10 out. 2024. Tese (Mestrado em Ação Humanitária, Cooperação e Desenvolvimento), Universidade Fernando Pessoa.

Piovesan, Flávia. 2017. Direitos Humanos: Desafios e Perspectivas Contemporâneas. *Revista TST* (Brasília) 75 (1).

Repórteres sem Fronteiras. 2020. Iêmen. Acesso em: 10 out. 2024. https://rsf.org/pt-br/pais/i%C3%AAmen.

Riedel, Bruce. 2023. The Houthis after the Yemeni cease-fire. Acesso em: 10 out. 2024.

Save the Children. 2024. Yemen: Nine years into conflict and two years into truce, school dropouts soar. Acesso em: 10 out. 2024.

Sena et al. 2021. Da primavera ao caos: a origem e os desdobramentos do conflito. Em *Da primavera ao caos humanitário,* volume 1. Editora UFI.org.

Silva, Lincoln Veloso. 2023. O Direito Humanitário Internacional e a guerra: uma análise da guerra no Iêmen de 2015 até 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) — Universidade de Sorocaba (UNISO). Disponível em: https://repositorio.uniso.br/entities/publication/5bafdc6f-9275-4805-8501-a14932f15858/full. Acesso em: 14 out. 2024, Sorocaba.

United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs. 2024. Yemen Humanitarian Update - Issue 9. Acesso em: 15 set. 2024. https://www.unocha.org/publications/report/yemen/yemen-humanitarian-update-issue-9-december-2024-enar.

Vatican News. 2022. Iêmen: mais de 11 mil crianças mortas ou mutiladas no país. Acesso em: 21 ago. 2024.

World Food Programme. 2024. Yemen. Disponível em: https://www.wfp.org/emergencies/yemen-emergency. Acesso em: 27 out. 2024.

World Health Organization. 2024. Yemen: WHO Health Emergency. Acesso em: 21 out. 2024. https://www.who.int/publications/m/item/yemen-who-2024-health-emergency-appeal.